MÉDICA DO AMATO LUSITANO NA PRIMEIRA COORDENAÇÃO NACIONAL

Isabel Duque dirige paliativos no centro

SAÚDE A responsável pela Unidade da Dor de Castelo Branco diz que as necessidades na região centro são "imensas".

José Furtado
jose.furtado@reconquista.pt

FOTO ARQUIVO RECONQUISTA

Isabel Duque Martins diz que há muito a fazer no apoio e na formação

A médica Isabel Duque Martins, da Unidade Local de Saúde de Castelo Branco, vai coordenar os trabalhos da Comissão Nacional de Cuidados Paliativos para a região centro. O convite foi feito pela presidente da comissão nacional, Edna Gonçalves, que é diretora deste serviço no Hospital de São João, do Porto. A equipa nacional é constituída por cinco pessoas e foram também empossados outros cinco elementos que assumem cada uma das coordenações regionais, ligadas às administrações regionais de saúde.

Para Isabel Duque Martins o convite é o reconhecimento do trabalho feito nesta área na região. O distrito tem sido pioneiro a nível nacional não só com a criação da primeira unidade do género em 1992 no Hospital do Fundão mas também através do ensino, com a Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias a destacar-se como uma das primeiras a nível nacional a ter um mestrado em cuidados paliativos. No Hospital Amato Lusitano a unidade de dor crónica abriu em 2002 e há seis meses começou a trabalhar a Unidade de Dor Crónica e Medicina Paliativa, que reúne a consulta externa de dor crónica, a equipa intra-hospitalar de suporte em cuidados paliativos, a consulta externa de cuidados paliativos "e esperamos que dentro de algum tempo haja algo mais a funcionar dentro desta grande unidade, como o apoio domiciliário e eventualmente uma unidade de internamento", diz a responsável.

Em relação a coordenação regional o trabalho começa com o levantamento das necessidades de cuidados paliativos no centro do país mas Isabel Duque Martins antevê que as necessidades "são imensas". A região, tal como o resto do país, necessita de equipas intra-hospitalares, de cuidados na comunidade em ambulatório e também de internamento. Mas também é necessário ter pessoas com informação básica em cuidados paliativos "que possam fazer aquilo que nós chamamos de atenção paliativa". Estas pessoas podem trabalhar nos hospitais mas também nos centros de saúde e nos cuidados continuados. "Aquilo que se pretende é que sejam transversais a todos os níveis de cuidados", diz a médica.

Ao mesmo tempo é essencial dar passos na formação, como já acontece com o mestrado em cuidados paliativos da escola do Instituto Politécnico de Castelo Branco. Isabel Duque Martins tem esperança que a formação também chegue à Universidade da Beira Interior, que tem a Faculdade de Medicina.

CONCEITO Os cuidados paliativos são uma realidade que ainda é desconhecida de muitas pessoas. Antes de mais existe por vezes uma confusão entre o que são os cuidados paliativos e os cuidados continuados, que nos últimos anos se espalharam pelo país. Os cuidados continuados estão direcionados para a recuperação dos doentes enquanto os paliativos pretendem prevenir o sofrimento, respondendo a casos "de doença prolongada, incurável e progressiva", explica a Associação Portuguesa de Cuidados Paliativos. Embora diferentes os cuidados paliativos e continuados podem e devem colaborar.

Outro erro é associar os cuidados paliativos ao fim da vida. "A partir do momento em que se faz um diagnóstico de uma doença incurável e progressiva faz todo o sentido que os cuidados paliativos comecem logo a intervir. Obviamente com um nível que não é o intensivo dos cuidados em fim de vida", diz Isabel Duque Martins. Os paliativos são também para quem acompanha o doente "porque quando uma família não está bem não pode prestar os cuidados que o doente necessita". O apoio deve também continuar mesmo após a morte "no apoio à família e ao luto".